

O Brasil no Mercosul: Integração Comercial Brasileira com o Bloco Sul-Americano

Luiz Felipe Campos Fontes*

Milton André Stella**

Resumo: Este artigo avalia, pelo viés comercial, a participação do Brasil no Mercado Comum do Sul (Mercosul). A finalidade central é averiguar se o grau de integração comercial brasileira com o bloco tem se aprofundado ao longo do tempo. Para tanto, é desenvolvida a metodologia de decomposição dos componentes do consumo aparente, na qual é possível analisar as importações brasileiras intrabloco e extrabloco, e, assim, destacar os gêneros industriais em que houve criação e desvio de comércio. Os resultados, para o período 2005-2013, apontam para um movimento de reversão no nível de integração comercial brasileira com o Mercosul. Inicialmente, o bloco era capaz de atender, em grande parte, o mercado brasileiro. Entretanto, o bloco perdeu força em termos de criação setorial, à medida que os fluxos comerciais brasileiros se direcionaram para o resto do mundo.

Palavras-chave: Mercosul; Integração regional; Consumo aparente

Abstract: This paper aims to analyze, by the trade perspective, Brazilian participation in Mercosur. The main purpose is to ascertain whether the degree of Brazil's trade integration with the bloc has deepened over time. Therefore, is developed an apparent consumption analysis where it's possible to examine Brazilian demand for imports from Mercosur members and imports from non-member countries and then highlight industrial sectors where trade creation or deviation happened. The results, for 2005-2013, points to a reversal of the Brazilian trade integration level with Mercosur. Initially, the economic block was capable of attend, largely, Brazilian demand market. However, Mercosur lost momentum in terms of creating internal trade as Brazilian trade flows were directed to the rest of the world.

Keywords: Mercosur; Regional Integration; Apparent Consumption

* Doutorando em Economia na Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EESP-FGV). Mestre e bacharel em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

** Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

1. Introdução

A partir da década de 1980, observou-se no mundo um crescimento acelerado dos fluxos comerciais. Em busca de vantagens competitivas no mercado internacional, as fronteiras passaram a cair, e os países estreitaram as suas inter-relações de comércio. Na América Latina, não foi diferente, e os países da região, marcados até então por políticas comerciais altamente protecionistas, passaram a buscar mudanças estruturais em suas economias.

Esse processo de integração vem ocorrendo desde então, através da via multilateral e regional. As bases para o regionalismo surgiram após o fim da 2ª Guerra Mundial, entretanto, foi a partir de 1980 que o movimento passou a ganhar força, havendo a criação de diversos blocos econômicos pelo mundo. Na América Latina, esse fenômeno materializou-se com a formação do Mercosul, em 1991. Desde 1950, buscavam-se, na região latino-americana, estratégias de industrialização que impulsionassem o crescimento econômico dos países. Dessa forma, o regionalismo foi visto como um modelo de integração econômica capaz de dinamizar as economias latino-americanas e, assim, solucionar os problemas enfrentados até o momento.

O bloco econômico sul-americano surgiu fruto da aproximação econômica entre as duas maiores potências regionais da época, Argentina e Brasil, além de negociações sob âmbito de uma tentativa anterior de integração regional - Associação Latino-Americana de Integração (ALADI). Nesse contexto, Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai assinaram, em 1991, o Tratado de Assunção, dando origem ao Mercosul.

O Brasil, no que lhe concerne, ocupa um papel de destaque dentro do bloco. Além de ter a maior e mais diversificada economia dentre os países membros, engaja-se como um líder regional, buscando o desenvolvimento do modelo de integração sul-americano. Todavia, as assimetrias econômicas entre o Brasil e seus parceiros regionais são muito marcantes, o que, aliado ao cenário econômico negativo vivido pelos países da região, leva a questionamentos a respeito da política de integração adotada pelo Brasil.

Diversos estudos (BAUMMAN; GONÇALVES, 2015; CARVALHO; SILVA, 2006, KRUGMAN; OBSTFELD, 2009) destacam a importância de um modelo de integração regional pelo viés comercial. Segundo eles, o bem-estar econômico gerado pela restrição de acordos comerciais para um número

delimitado de países dependerá da criação ou desvio de comércio resultante da formação de um bloco econômico.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar comercialmente a participação do Brasil no Mercosul. A finalidade central, contudo, é voltar-se ao nível de aprofundamento da integração comercial brasileira com o bloco econômico sul-americano. Para tanto, será utilizada a metodologia de consumo aparente proposta por Truman (1975). O autor propõe uma análise da evolução dos componentes do consumo aparente a partir da divisão das importações totais entre importações de dentro e de fora de um bloco econômico. Posteriormente, avaliam-se os impactos básicos de uma integração regional, através dos conceitos de criação e desvio de comércio. Destaca-se ainda a importância desse modelo justamente por utilizar tais conceitos, postos nas teorias de integração regional, além de identificar também o grau de integração comercial do país estudado com o resto do mundo. A metodologia ganhou destaque principalmente na Europa, após estudo realizado por Truman (1975) buscando estimar a criação e desvio de comércio na União Europeia. Mas é através de Jacquemin e Sapir (1998) que a metodologia ganha notoriedade na medição dos efeitos do bloco econômico europeu.

Atualmente, estudos de origem europeia a respeito de comércio internacional e integração regional destacam a metodologia dos componentes do consumo aparente (EL AGRAA, 2007; BOWEN *et al.*, 2012; KREININ; PLUMMER, 2012).

Na literatura brasileira, encontra-se o trabalho de Azevedo e Klimenko (2009). Os autores realizaram um estudo dos componentes do consumo aparente brasileiro (envolvendo o período 1987-1998). Para tanto utilizaram dados pré e pós-integração, com o objetivo de analisar mudanças no perfil comercial do Brasil, dada a entrada do país no bloco econômico sul-americano. Entretanto, Jacquemin e Sapir (1998) e Sapir (1992) ressaltam também a importância da utilização de dados apenas *ex post*, com o objetivo de analisar a evolução da integração regional ao longo do tempo.

Dessa forma, este artigo utilizará a metodologia dos componentes do consumo aparente brasileiro, para o período recente (2005-2013), com o objetivo de analisar o grau de integração comercial do Brasil com o Mercosul. Além disso, será possível realizar uma análise intertemporal entre os resultados obtidos por Azevedo e Klimenko (2009) e pelo presente trabalho, o que permitirá avaliar

se os resultados obtidos em um período inicial de integração se mantiveram ao longo do tempo.

Este trabalho ainda estará estruturado da seguinte forma. Seguidamente a esta introdução, a segunda seção mostra uma visão geral o desempenho comercial do Mercosul, assim como a participação específica do Brasil dentro dessa dinâmica. Na terceira seção, serão apresentados os resultados da análise do consumo aparente brasileiro. Por fim, na seção quatro, serão apresentadas as considerações finais.

2. Perfil Comercial do Mercosul

Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai têm um perfil comercial bem semelhante. Os países do Mercosul sempre tiveram, como destaque de suas exportações, os produtos primários. Segundo Miyazaki e Santos (2013), a vantagem comparativa existe principalmente nas *commodities* agrícolas, em virtude da alta fertilidade dos solos, da abundância de recursos hídricos e condições climáticas. Ainda assim, nota-se certa participação de produtos industrializados na pauta exportadora do Brasil (destaque para automóveis e aviões) e da Argentina (destaque para automóveis). A indústria brasileira, no entanto, acaba se destacando principalmente no âmbito regional, no qual o país se beneficia da exportação de manufaturas e importações de *commodities*.

A aproximação das quatro economias sul-americanas, no início da década de 1990, indica um aumento considerável no volume comercial transacionado no cenário regional. Porém, evidências apontam para uma perda de importância relativa desse mercado para os países do Mercosul. Dessa forma, essa seção busca, em um primeiro momento, avaliar a dinâmica de comércio do Mercosul no âmbito regional e internacional, e, em um segundo momento, voltar-se para como o Brasil se encaixa dentro do comércio regional.

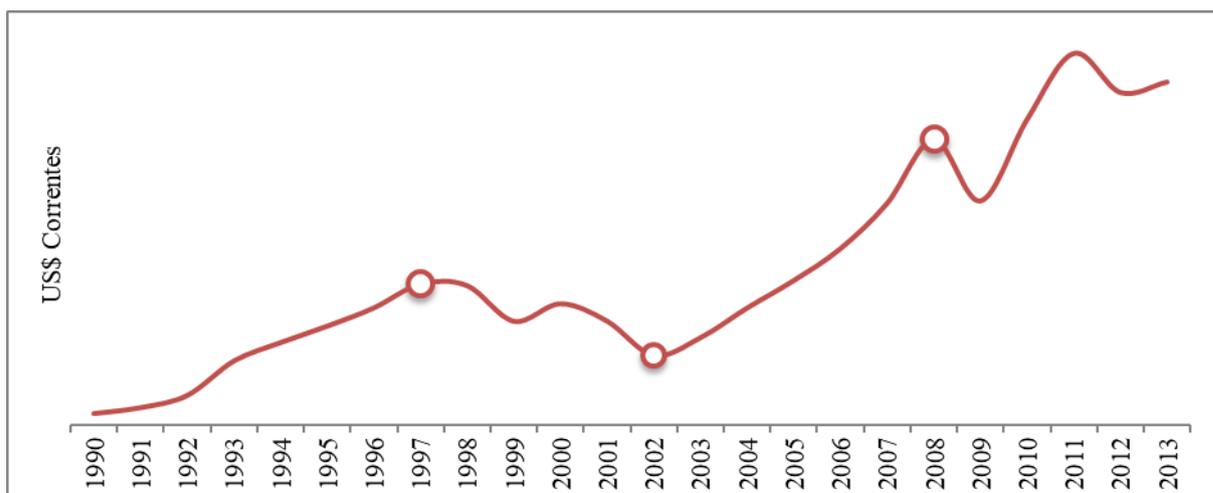
2.1 Mercosul no Comércio Regional e Internacional

A evolução comercial do Mercosul pode ser avaliada em quatro fases, segundo Miyazaki e Santos (2013). A primeira iniciou-se um pouco antes da integração definitiva e se estendeu até 1997, sendo marcada por um período de intenso crescimento nas relações comerciais dos países membros, principalmente no âmbito regional. A segunda fase, entre 1997 e 2002, constituiu um período de retração nas relações do bloco econômico, devido principalmente a fatores

conjunturais. O período foi marcado pelas seguintes crises: crise da Ásia (1997), crise cambial brasileira (1999) e a crise econômica argentina (2001). A terceira fase, entre 2002 e 2008, é caracterizada por uma grande retomada no crescimento comercial do bloco, tanto no âmbito regional como internacional. Este resultado é justificado pela valorização das *commodities* dos países membros – favorecida pela emergência dos países asiáticos, principalmente a China -, e pelo grande crescimento econômico vivido pelo Brasil nesse período. Já a quarta fase tem início com a crise financeira mundial, em 2008, e vem até os dias de hoje. O período de crise é marcado por uma grande retração comercial, seguido por uma retomada de crescimento, ainda que em um clima de incertezas e em um ambiente mais protecionista por parte dos países membros.

A análise do volume comercial intrabloco, no Gráfico 1, permite visualizar essas fases de forma bem clara. Em um primeiro momento (1990-1997), o entusiasmo com a integração regional elevou em 12 vezes o valor exportado dentro do Mercosul. A partir de então, observou-se uma retração no valor de vendas que atinge seu menor nível em 2001, acumulando uma queda de 50% no período (1997-2001). Em 2002, teve início um crescimento acelerado das exportações intrabloco, que se entendeu até 2008. Durante este período, o valor exportado dentro do Mercosul saltou de 10,1 bilhões de dólares para 41,6 bilhões de dólares. Desde então, o bloco passa por um período instável, com queda nas transações regionais em 2008, devido à crise mundial, seguida de uma rápida retomada no crescimento que perdurou até 2012. A partir desse ano, o Mercosul passa por um período de estagnação, marcado por incertezas em relação ao futuro da integração. Dessa forma, os países membros do bloco, principalmente o Brasil, buscam cada vez mais uma maior diversificação de suas relações comerciais como o resto do mundo.

Gráfico 1 – Valor exportado dentro do Mercosul – 1990-2013.



Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

Apesar de o valor comercializado intrabloco ter aumentado em termos absolutos, nota-se, ao analisar os Gráficos 3 e 4, uma perda de importância relativa do mercado regional para os países do Mercosul. Em 2000, o bloco sul-americano era destino de 21% das vendas e origem de 20,5% das compras dos países membros. Em 2013, esta representatividade caiu para 14,8% (exportações) e 14% (importações).

Com a emergência da China no cenário internacional, esta passou a ser um destino comercial mais frequente do Mercosul. A relação de complementaridade entre os dois eixos se dá principalmente pela exportação de produtos primários e importação de bens industrializados por parte do bloco econômico sul-americano, levando a uma interação cada vez maior. Em 2000, a China representava 2,3% das exportações e 3,1% das importações do bloco. Já em 2013 passou a representar 15,7% das exportações e 16% das importações totais. Dentre todos os parceiros comerciais do bloco, juntamente com o resto do mundo somado, ela é a única que apresenta um crescimento constante das transações comerciais com o Mercosul.

A busca dos países do bloco por expandir seus laços comerciais para fora da região se materializou com a crescente representatividade de outros eixos comerciais, além da China, na pauta comercial do bloco sul-americano. Em 2000, as relações de compra e venda do Mercosul com os demais países do mundo (excluindo China, Estados Unidos e União Europeia) representavam aproximadamente 29% cada. Em 2013, entretanto, as vendas para o resto do

mundo passaram a representar 43% do total exportado, e as compras 35% do total importado pelos países do bloco.

Outra mudança na dinâmica comercial do Mercosul é a perda da importância relativa dos Estados Unidos e União Europeia como parceiros comerciais do bloco. Estes foram por muito tempo os principais destinos das exportações e importações do Mercosul, chegando a representar juntos, em 2000, 44,6% do destino das vendas e 47,6% da origem das compras dos países membros do bloco. Contudo, estes números caíram significativamente com a maior aproximação dos países sul-americanos com a China e demais eixos comerciais. Em 2013, a União Europeia representou 17,1% das exportações e 20,6% das importações totais do bloco sul-americano, enquanto os Estados Unidos representaram 8,8% das vendas e 13,7% das compras totais, perdendo em importância relativa para a China e para o próprio comércio intrabloco.

Gráfico 3 – Destino das exportações do Mercosul – 2000-2013 (Part. % do total).

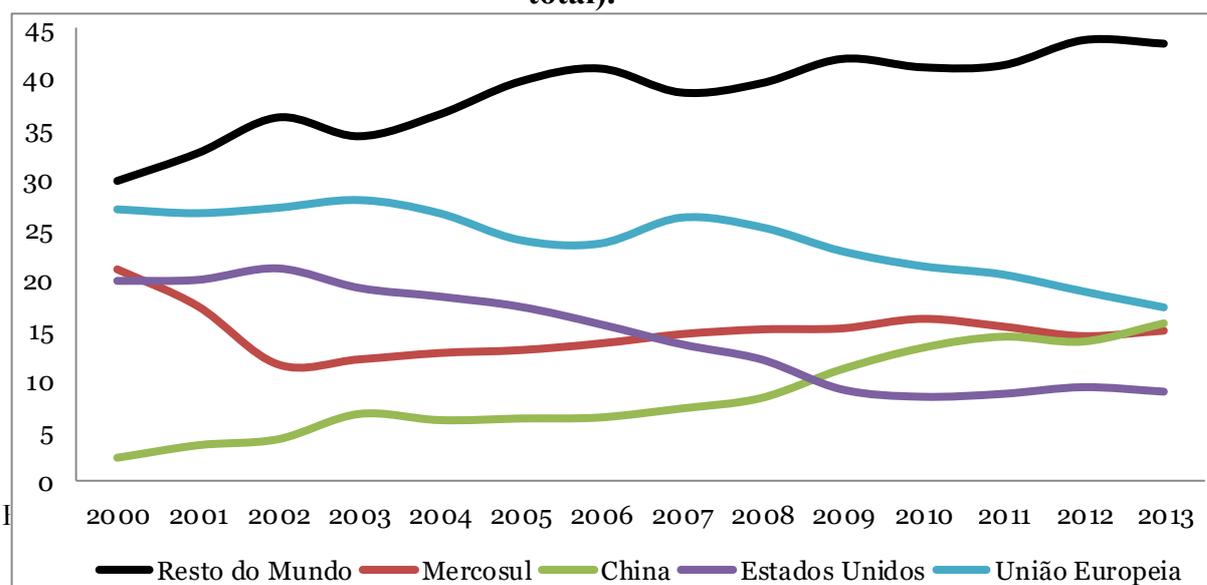
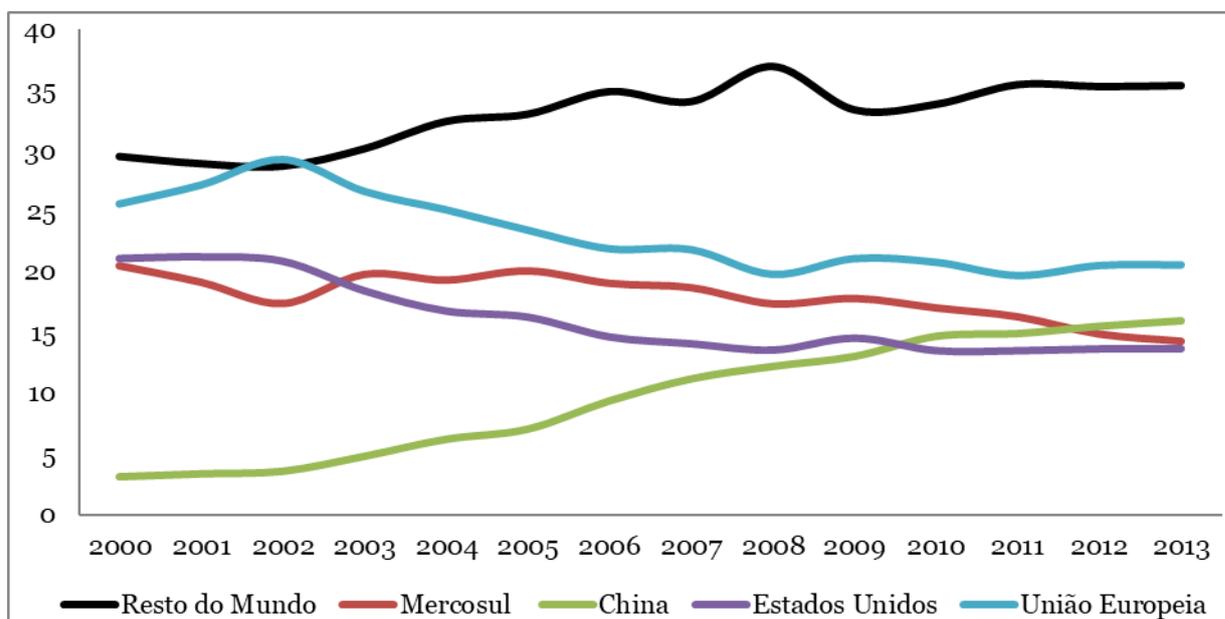


Gráfico 4 – Destino das importações do Mercosul – 2000-2013 (Part. % do total).



Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

Observa-se, com a análise de dados desta seção, uma maior dispersão geográfica dos fluxos comerciais dos países do Mercosul. O envolvimento destes com o setor externo teve como característica marcante a perda de importância relativa do mercado regional, à medida que as transações comerciais se intensificaram com países de fora da região sul-americana.

2.2 Brasil no comércio com o Mercosul

O cenário regional sul-americano sempre foi caracterizado pela supremacia econômica brasileira. O Brasil concentra grande parte das exportações e importações do Mercosul, e possui um mercado do qual seus vizinhos são altamente dependentes. A primeira característica citada pode ser observada ao se analisar a composição das exportações e importações do Mercosul, por países membros (Tabelas 3 e 4). Das compras e vendas realizadas pelos membros fundadores do Mercosul, o Brasil teve representatividade maior do que a dos demais membros somados em todos os anos analisados. O país representou sozinho, em 2013, 71,8% das exportações e 71,1% das importações totais do Mercosul. A Argentina, sendo a segunda maior economia do bloco, vem também em segundo na participação da pauta comercial, porém nota-se uma queda de sua representatividade tanto nas importações quanto exportações, ao

longo dos anos. O Paraguai, apesar da pequena representatividade regional, apresenta certo crescimento em sua participação nas relações comerciais intrabloco, principalmente nas exportações, saltando de 1% em 2001 para 2,8% em 2013, superando, assim, o Uruguai. Este também tem pouca representatividade, e não apresenta variação significativa em sua composição nas importações e exportações do Mercosul.

Tabela 3 – Composição das exportações totais do Mercosul – 2000-2013.

| Ano | Brasil (%) | Argentina (%) | Paraguai (%) | Uruguai (%) |
|------|------------|---------------|--------------|-------------|
| 2000 | 65,1 | 31,1 | 1,0 | 2,7 |
| 2001 | 66,3 | 30,3 | 1,1 | 2,3 |
| 2002 | 67,9 | 28,9 | 1,1 | 2,1 |
| 2003 | 68,6 | 28,1 | 1,2 | 2,1 |
| 2004 | 71,2 | 25,5 | 1,1 | 2,2 |
| 2005 | 72,4 | 24,5 | 1,0 | 2,1 |
| 2006 | 72,5 | 24,5 | 1,0 | 2,1 |
| 2007 | 71,8 | 24,9 | 1,3 | 2,0 |
| 2008 | 71,1 | 25,2 | 1,6 | 2,1 |
| 2009 | 70,4 | 25,6 | 1,5 | 2,5 |
| 2010 | 70,8 | 24,5 | 2,3 | 2,4 |
| 2011 | 72,0 | 23,6 | 2,2 | 2,2 |
| 2012 | 71,5 | 23,8 | 2,1 | 2,6 |
| 2013 | 71,8 | 22,7 | 2,8 | 2,7 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

Tabela 4 – Composição das importações totais do Mercosul – 2000-2013.

| Ano | Brasil (%) | Argentina (%) | Paraguai (%) | Uruguai (%) |
|------|------------|---------------|--------------|-------------|
| 2000 | 64,3 | 29,1 | 2,6 | 4,0 |
| 2001 | 68,5 | 25,0 | 2,7 | 3,8 |
| 2002 | 78,9 | 15,0 | 2,8 | 3,3 |
| 2003 | 72,9 | 20,9 | 2,9 | 3,3 |
| 2004 | 69,0 | 24,7 | 2,9 | 3,4 |
| 2005 | 67,3 | 26,2 | 3,0 | 3,5 |
| 2006 | 67,6 | 25,3 | 3,5 | 3,6 |
| 2007 | 68,2 | 25,3 | 3,3 | 3,2 |
| 2008 | 69,6 | 23,1 | 3,6 | 3,7 |
| 2009 | 70,8 | 21,5 | 3,9 | 3,8 |
| 2010 | 70,5 | 22,2 | 3,9 | 3,4 |
| 2011 | 69,9 | 23,0 | 3,8 | 3,3 |
| 2012 | 70,9 | 21,8 | 3,7 | 3,7 |
| 2013 | 71,1 | 21,9 | 3,6 | 3,5 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

A próxima característica a ser analisada é importância relativa do Brasil para seus parceiros regionais. As Tabelas 5 e 6 mostram a participação brasileira nas exportações e importações dos membros fundadores do Mercosul. Fica claro o alto grau de interdependência dos vizinhos em relação ao Brasil. O país foi destino, em 2013, de 21,2% das exportações totais da Argentina, 30% do Paraguai e 18,9% do Uruguai. No caso das importações, o padrão observado é o mesmo, sendo o Brasil a origem de 26% das importações totais da Argentina, 26,4% do Paraguai e 15,8% do Uruguai. Entretanto, nota-se que a representatividade do Brasil como destino das exportações dos países do Mercosul caiu, desde 2000. Já a dependência dos países do bloco em relação às importações advindas do Brasil aumentou ligeiramente para a Argentina e o Paraguai, e caiu para o Uruguai, país menos dependente do Brasil em ambos os movimentos comerciais.

Tabela 5 – Exportações de Argentina; Paraguai e Uruguai para o Brasil – 2000-2013 (Part. % do total).

| Ano | Argentina | Paraguai | Uruguai |
|------|-----------|----------|---------|
| 2000 | 26,5 | 38,7 | 23,1 |
| 2001 | 23,3 | 28,1 | 21,4 |
| 2002 | 18,8 | 37,1 | 23,2 |
| 2003 | 15,6 | 33,2 | 21,3 |
| 2004 | 15,7 | 18,7 | 16,5 |
| 2005 | 15,8 | 19,1 | 13,5 |
| 2006 | 17,5 | 16,9 | 14,7 |
| 2007 | 18,8 | 18,5 | 16,2 |
| 2008 | 19,0 | 14,1 | 16,6 |
| 2009 | 20,4 | 20,7 | 20,3 |
| 2010 | 21,2 | 33,7 | 21,1 |
| 2011 | 20,6 | 32,2 | 20,5 |
| 2012 | 20,4 | 39,2 | 19,4 |
| 2013 | 21,2 | 30,0 | 18,9 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

Tabela 6 – Importações de Argentina; Paraguai e Uruguai do Brasil – 2000-2013 (Part. % do total).

| Ano | Argentina | Paraguai | Uruguai |
|------|-----------|----------|---------|
| 2000 | 25,6 | 23,8 | 19,2 |
| 2001 | 26,0 | 27,6 | 20,5 |
| 2002 | 28,0 | 30,8 | 19,8 |
| 2003 | 33,9 | 34,0 | 21,0 |
| 2004 | 33,7 | 31,6 | 21,7 |
| 2005 | 37,0 | 27,2 | 21,3 |
| 2006 | 34,8 | 21,5 | 22,6 |
| 2007 | 32,8 | 29,0 | 23,4 |
| 2008 | 31,3 | 26,9 | 17,8 |
| 2009 | 30,5 | 23,1 | 21,1 |
| 2010 | 31,6 | 24,1 | 18,3 |
| 2011 | 29,9 | 26,4 | 19,4 |
| 2012 | 26,1 | 23,5 | 18,0 |
| 2013 | 26,0 | 26,4 | 15,8 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

Nas Tabelas 7 e 8, analisa-se o caso oposto: a dependência brasileira ao mercado dos países vizinhos. Em 2013, os países do bloco absorveram 10,2% das exportações totais brasileiras e foram origem de 8% das importações. A Argentina é o parceiro regional de maior importância, representando 8,1% das vendas e 6,9% das compras totais brasileiras. Já o Paraguai e o Uruguai têm significância muito pequena para o Brasil. Estes representaram, em 2013, menos

de 1% das importações e exportações totais brasileiras, com exceção das vendas ao Paraguai, as quais representam 1,2% do total exportado. Nota-se também que, nos dois casos estudados, a pouca importância do mercado dos países vizinhos para o Brasil vem caindo ainda mais, desde 2000.

Tabela 7 – Exportações brasileiras para Argentina; Paraguai e Uruguai – 2000-2013 (Part. % do total).

| Ano | Argentina | Paraguai | Uruguai |
|------|-----------|----------|---------|
| 2000 | 11,3 | 1,5 | 1,2 |
| 2001 | 8,6 | 1,2 | 1,1 |
| 2002 | 3,9 | 0,9 | 0,7 |
| 2003 | 6,2 | 1,0 | 0,6 |
| 2004 | 7,6 | 0,9 | 0,7 |
| 2005 | 8,4 | 0,8 | 0,7 |
| 2006 | 8,5 | 0,9 | 0,7 |
| 2007 | 9,0 | 1,0 | 0,8 |
| 2008 | 8,9 | 1,3 | 0,8 |
| 2009 | 8,4 | 1,1 | 0,9 |
| 2010 | 9,3 | 1,3 | 0,8 |
| 2011 | 8,9 | 1,2 | 0,9 |
| 2012 | 7,4 | 1,1 | 0,9 |
| 2013 | 8,1 | 1,2 | 0,9 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

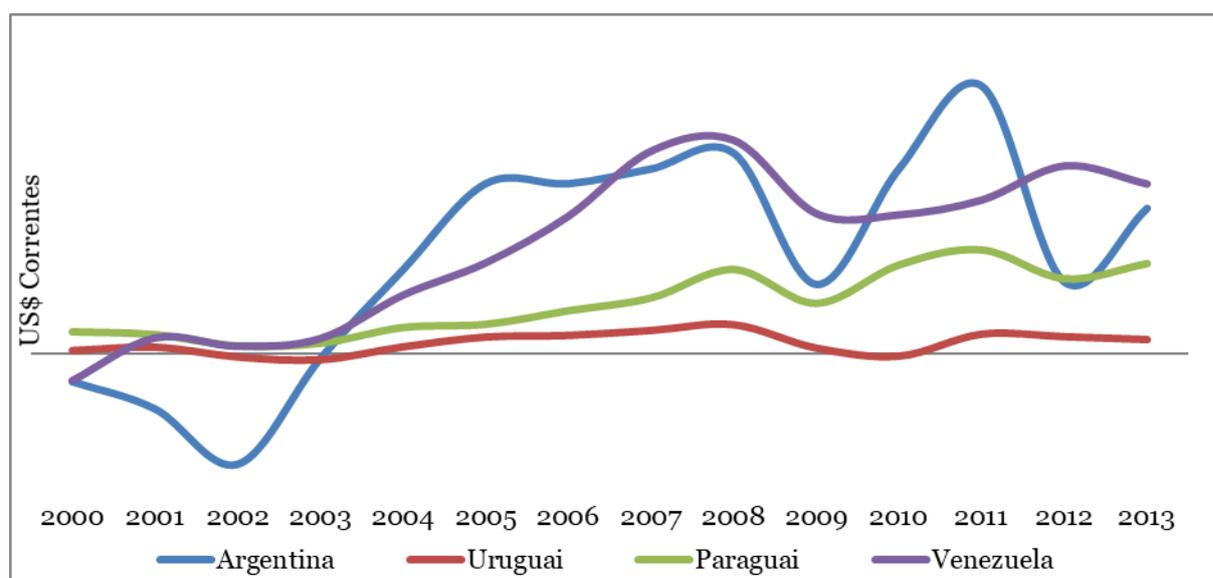
Tabela 8 – Importações brasileiras da Argentina; Paraguai e Uruguai – 2000-2013 (Part. % do total).

| Ano | Argentina | Paraguai | Uruguai |
|------|-----------|----------|---------|
| 2000 | 12,3 | 0,6 | 1,1 |
| 2001 | 11,2 | 0,5 | 0,9 |
| 2002 | 10,0 | 0,8 | 1,0 |
| 2003 | 9,7 | 1,0 | 1,1 |
| 2004 | 8,9 | 0,5 | 0,8 |
| 2005 | 8,5 | 0,4 | 0,7 |
| 2006 | 8,8 | 0,3 | 0,7 |
| 2007 | 8,6 | 0,4 | 0,7 |
| 2008 | 7,7 | 0,4 | 0,6 |
| 2009 | 8,8 | 0,5 | 1,0 |
| 2010 | 8,0 | 0,3 | 0,9 |
| 2011 | 7,5 | 0,3 | 0,8 |
| 2012 | 7,4 | 0,4 | 0,8 |
| 2013 | 6,9 | 0,4 | 0,7 |

Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

A última dimensão a ser analisada é o saldo comercial brasileiro com os países do Mercosul. Ao se observar o padrão comercial brasileiro com os demais países do bloco, nota-se que o Brasil foi superavitário em quase todos os anos avaliados. As exceções são a Argentina, até 2003, e o Paraguai, em 2002, 2003 e 2010. A grande dependência dos países menores ao mercado brasileiro, aliada a crescentes déficits na balança comercial destes com relação ao Brasil, pode indicar desequilíbrios no comércio regional.

Gráfico 7 – Saldo comercial do Brasil com o Mercosul – 2000-2013.



Fonte: *United Nations Comtrade* (2013).

A análise de dados desta seção exacerba as disparidades entre o Brasil e os demais países membros do Mercosul no comércio regional. Os países do bloco dependem muito do mercado brasileiro, enquanto que o oposto não é válido. Ainda assim, tanto a importância relativa do Brasil para os países do Mercosul, quanto a importância destes para o Brasil, vem caindo. Dessa forma, uma maior diversificação no comércio internacional torna-se inevitável para os países membros do bloco, principalmente para a economia brasileira, pouco dependente do comércio regional.

3. Efeitos da Integração Econômica para o comércio brasileiro

A literatura econômica aponta dois tipos de efeitos resultantes da integração comercial: os efeitos dinâmicos e os efeitos estáticos. Segundo Dominick (1998), os efeitos dinâmicos advêm das economias de escalas, do maior estímulo aos investimentos, da melhor utilização dos recursos disponíveis e, principalmente, do aumento da concorrência.

O objetivo deste trabalho, no entanto, é analisar os efeitos estáticos do processo integrativo. Estes são resultados da criação e do desvio de comércio, conceitos estudados pela primeira vez em 1950 por Jacob Viner, mas que ao longo tempo permanecem fundamentais para medir o impacto comercial de uma integração econômica.

Esta seção pretende, por sua vez, utilizar os conceitos de criação e desvio de comércio para analisar se houve um aprofundamento da integração comercial brasileira com o Mercosul. Para isto, serão analisadas as variações temporais dos componentes do consumo aparente brasileiro, de acordo com metodologia proposta por Truman (1975). Primeiramente, serão expostos os desdobramentos de um estudo realizado por Azevedo e Klimenko (2009), envolvendo o período 1887-1998. Por fim, será realizada uma nova análise em que serão destacados os gêneros industriais nos quais houve criação e desvio de comércio em um período mais recente (2005-2013).

3.1 Análise do Consumo Aparente Brasileiro Entre 1987 e 1998

Um procedimento utilizado para buscar os efeitos de criação e desvio de comércio gerado por um bloco econômico é a análise dos componentes do consumo aparente de um país membro do bloco ou de toda a integração. Entretanto, as importações totais são separadas em intrabloco e extrabloco,

conforme a equação (1). Assim, a análise é baseada na forma com que as importações intrabloco e as importações do resto do mundo oscilam de acordo com uma variação na produção doméstica.

$$CA = (P - X) + Mi + Mw \quad (1)$$

Onde:

CA: Consumo aparente;

P-X: produção doméstica menos as exportações

Mi: importações intrabloco;

Mw: importações de países não membros.

Truman (1975) propôs seis situações provenientes dessas variações, observadas no Quadro 1. Os três primeiros casos estão associados com criação de comércio, sendo este o resultado do declínio da participação doméstica sucedida de um aumento nas importações. Já os últimos três casos envolvem o desvio de comércio, em que um aumento na produção doméstica ocorre em detrimento das importações.

Quadro 1 – Possíveis efeitos da integração econômica.

| Casos | Possíveis efeitos | P-X | Mi | Mw |
|-------|----------------------------------------------------------|-----|----|----|
| 1 | Criação interna e externa de comércio | - | + | + |
| 2 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio | - | - | + |
| 3 | Criação interna de comércio e desvio externo de comércio | - | + | - |
| 4 | Desvio externo de comércio e erosão externa de comércio | + | + | - |
| 5 | Erosão externa e interna de comércio. | + | - | - |
| 6 | Desvio interno de comércio e erosão interna de comércio | + | - | + |

Fonte: Truman (1975, p. 5).

Caso a diminuição na produção doméstica beneficie ambos os movimentos de importação (intrabloco e de países não membros), é definido o caso 1 - criação interna e externa de comércio. Segundo Azevedo e Klimenko (2009), essa é uma característica dos modelos regionais nos quais, além da liberalização interna de comércio, as tarifas extrabloco são também reduzidas (caso típico do Mercosul que, como já foi estudado, tem aumentado suas relações comerciais principalmente com o restante do mundo). Quando a queda na

produção doméstica é inteiramente absorvida pelas compras de fora do bloco, tem-se o caso 2 – criação externa de comércio e desvio interno de comércio. Por fim, se a absorção da produção doméstica se der inteiramente pelas importações de países membros do bloco, ocorre o caso 3 – criação interna de comércio e desvio externo de comércio.

Os casos 4, 5 e 6 seguem a mesma lógica, mas partindo de uma variação positiva na produção doméstica. Se esta ocorrer em detrimento de ambos os movimentos de importação, define-se erosão externa e interna de comércio. Se, no entanto, esse aumento na produção doméstica ocorrer em detrimento apenas das importações do resto do mundo, é definido o caso 4 – desvio externo de comércio e erosão externa de comércio. Já o caso 6 – desvio interno de comércio e erosão interna de comércio – se dá quando o aumento da produção doméstica é acompanhado pela diminuição das compras intrabloco. Essas três situações de desvio de comércio podem ser resultado de taxas de importações muito altas para produtos oriundos de países não membros do bloco.

Azevedo e Klimenko (2009) propuseram uma análise de consumo aparente brasileiro para o período de 1987 a 1998. Dessa forma, puderam retratar um período anterior e um período posterior à formação do Mercosul. Assim, pôde-se identificar o impacto da liberalização de comércio regional no padrão de integração comercial brasileira.

Foram destacados pelos autores 21 gêneros industriais. Em 18 destes, houve criação interna e externa de comércio, com a participação das importações de países membros e não membros do Mercosul, aumentando em detrimento da produção doméstica. No caso da produção de Tabaco, houve apenas criação externa de comércio, com a participação das importações intrabloco se mantendo constante. Para a Extração Mineral, houve coexistência de desvio externo de comércio e erosão externa de comércio, dado que houve um aumento da produção doméstica e das importações de países membros do bloco em detrimento das importações de países não membros. Já para o gênero de Bebidas ocorreu erosão externa de comércio, com a participação das importações do bloco permanecendo constante.

Dessa forma pode-se notar que, de 21 gêneros industriais, a participação das importações de países membros e não membros do Mercosul no consumo aparente brasileiro cresceu em 18 e 19 atividades, respectivamente. No entanto, os autores ressaltam que a taxa de crescimento da participação das importações

de terceiros foi superior à de países membros em 11 casos. Destaque para a Indústria Elétrica e de Máquinas não elétricas, para as quais as importações extrabloco representaram mais de 25% de todo consumo aparente brasileiro. Já a taxa de crescimento da participação dos fornecedores do Mercosul superou a dos países terceiros em 10 casos. Destacaram-se a Extração Mineral e os Equipamentos de Transporte, em que a participação das importações intrabloco aumentou mais de 10 vezes no período pós-integração.

Os resultados deste estudo revelaram que o Brasil se tornou mais integrado com a economia mundial no período em questão. Em 19 setores analisados, houve criação de comércio e em apenas dois, desvio de comércio. Assim, notou-se claramente que, em um primeiro momento após a formação do Mercosul, houve um maior nível de aprofundamento da integração comercial com a região e o resto do mundo. Os autores, contudo, ressaltam que pouco desse resultado pode ser atribuído à formação do bloco, visto que nesse período o Brasil passava simultaneamente por um processo de abertura unilateral de comércio.

3.2 Análise do consumo aparente brasileiro entre 2005 e 2013

O presente trabalho buscou, através da mesma metodologia proposta por Azevedo e Klimenko (2009), retratar se o grau de integração da economia brasileira com os países do Mercosul e com o resto do mundo seguiu o mesmo padrão, descrito pelos autores, no período recente (2005-2013). Entende-se que os autores testaram criação e desvio de comércio com dados pré-integração regional e dados pós-integração regional. Entretanto, com a mesma metodologia, foram utilizados apenas dados *ex post* para testar se o Mercosul ainda cumpre seu papel de substituir, em parte, a produção doméstica brasileira.

Para realizar a análise dos componentes do consumo aparente brasileiro, foram obtidos dados de comércio (importações de dentro do Mercosul, importações de países de fora do bloco e exportações totais) da base de dados do AliceWeb, a partir da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) a 8 dígitos, expressos em dólares norte-americanos. Os dados de produção doméstica foram obtidos da Pesquisa Industrial Anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), correspondente à Lista de Produtos e Serviços Industriais, PRODLIST-Indústria, expressos em reais. A compatibilização da classificação de NCM para PRODLIST foi feita através de tradutor obtido no site do IBGE. Os

produtos foram agregados conforme os dois primeiros dígitos da PRODLIST, os quais são correspondentes com os gêneros industriais brasileiros, de acordo com a divisão da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Os gêneros em que não havia atividade comercial em ambos os movimentos de compra e venda foram excluídos da análise. Dos gêneros restantes, alguns similares, ainda foram agregados na mesma divisão, compondo a análise final em 22 atividades industriais. A transformação dos valores comerciais, denominados em dólares norte-americanos, para o real foi feita a partir da taxa de câmbio médio comercial de venda anual, obtida no Boletim do Banco Central do Brasil. Por fim, todos os valores foram deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), obtido no IBGE.

O Quadro 1 mostra o resultado da evolução dos componentes do consumo aparente brasileiro (produção doméstica, importações intrabloco e importações de países de fora do bloco) de 22 gêneros industriais, durante três períodos de tempo (2005-2007, 2008-2010 e 2011-2013). Destaca-se, inicialmente, que em 20 gêneros, dentre os 22 analisados, houve criação de comércio resultada de um aumento nas importações brasileiras, em detrimento da produção doméstica. Apenas em duas atividades industriais estudadas houve desvio de comércio, situação em que uma queda nas importações foi acompanhada de um aumento da produção doméstica.

Quadro 2 – Decomposição dos componentes do consumo aparente brasileiro.

| Subclasses Cnae 2.0 | Setor Industrial | Componentes do Consumo Agregado | 2005-2007 (%) | 2008-2010 (%) | 2011-2013 (%) | Efeitos |
|---------------------|-------------------------------------|---------------------------------|---------------|---------------|---------------|----------------------------------------------------------|
| 5, 6 | Extração de Combustíveis Fósseis | P-X | 81,44 | 80,64 | 78,52 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,59 | 0,50 | 0,50 | |
| | | Mw | 17,97 | 18,85 | 20,98 | |
| 7 | Extração de Minerais Metálicos | P-X | 89,55 | 88,45 | 92,81 | Erosão externa e interna |
| | | Mi | 0,66 | 0,17 | 0,00 | |
| | | Mw | 9,79 | 11,37 | 7,19 | |
| 8 | Extração de Minerais Não-Metálicos | P-X | 91,86 | 88,14 | 91,63 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,56 | 0,41 | 0,40 | |
| | | Mw | 7,58 | 11,46 | 7,97 | |
| 10 | Alimentos | P-X | 98,06 | 97,88 | 97,62 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 0,87 | 0,91 | 0,90 | |
| | | Mw | 1,07 | 1,22 | 1,48 | |
| 11 | Bebidas | P-X | 97,92 | 97,53 | 97,87 | Criação interna de comércio e desvio externo de comércio |
| | | Mi | 0,86 | 1,24 | 1,01 | |
| | | Mw | 1,22 | 1,23 | 1,13 | |
| 12 | Fumo | P-X | 98,34 | 98,75 | 99,65 | Erosão externa e interna |
| | | Mi | 0,32 | 0,15 | 0,08 | |
| | | Mw | 1,34 | 1,10 | 0,28 | |
| 13, 14 | Têxtil e Vestuário | P-X | 94,08 | 92,84 | 91,99 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 0,27 | 0,26 | 0,36 | |
| | | Mw | 5,66 | 6,90 | 7,65 | |
| 15 | Couro e Calçados | P-X | 97,22 | 96,43 | 95,42 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,37 | 0,26 | 0,16 | |
| | | Mw | 2,41 | 3,32 | 4,42 | |
| 16, 31 | Madeira e Móveis | P-X | 94,86 | 93,33 | 91,19 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,50 | 0,44 | 0,37 | |
| | | Mw | 4,64 | 6,22 | 8,44 | |
| 17 | Celulose e Papel | P-X | 96,44 | 96,04 | 96,04 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,45 | 0,47 | 0,39 | |
| | | Mw | 3,12 | 3,49 | 3,57 | |
| 18 | Impressão e Reprodução de Gravações | P-X | 97,55 | 97,40 | 96,78 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,25 | 0,14 | 0,13 | |
| | | Mw | 2,20 | 2,46 | 3,09 | |

| | | | | | | |
|--------|------------------------------------------------------------|-----|-------|-------|-------|----------------------------------------------------------|
| 19 | Coque, Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis | P-X | 95,19 | 93,27 | 89,81 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 1,12 | 0,92 | 0,62 | |
| | | Mw | 3,69 | 5,81 | 9,57 | |
| 20 | Química | P-X | 86,86 | 84,46 | 82,71 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 1,25 | 1,04 | 0,94 | |
| | | Mw | 11,89 | 14,50 | 16,35 | |
| 21 | Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos | P-X | 84,58 | 79,97 | 77,22 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 0,39 | 0,43 | 0,45 | |
| | | Mw | 15,02 | 19,60 | 22,33 | |
| 22 | Borracha e Material Plástico | P-X | 94,23 | 93,29 | 92,05 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 1,00 | 1,05 | 1,01 | |
| | | Mw | 4,77 | 5,66 | 6,95 | |
| 23 | Produtos de Minerais Não-Metálicos | P-X | 97,38 | 97,40 | 96,51 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,08 | 0,08 | 0,06 | |
| | | Mw | 2,54 | 2,53 | 3,43 | |
| 24, 25 | Metalurgia e Produtos de Metal | P-X | 99,08 | 98,94 | 98,71 | Criação externa de comércio e desvio interno de comércio |
| | | Mi | 0,43 | 0,27 | 0,14 | |
| | | Mw | 0,49 | 0,78 | 1,15 | |
| 26 | Produtos Eletrônicos | P-X | 73,42 | 72,12 | 71,90 | Criação externa de comércio |
| | | Mi | 0,06 | 0,06 | 0,06 | |
| | | Mw | 26,52 | 27,82 | 28,04 | |
| 27, 28 | Maquinas e Materiais Elétricos | P-X | 94,08 | 92,84 | 91,99 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 0,27 | 0,26 | 0,36 | |
| | | Mw | 5,66 | 6,90 | 7,65 | |
| 29 | Veículos | P-X | 95,00 | 93,28 | 91,19 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 1,72 | 2,45 | 3,08 | |
| | | Mw | 3,28 | 4,27 | 5,72 | |
| 30 | Equipamentos de Transporte | P-X | 79,36 | 77,83 | 77,12 | Criação externa de comércio |
| | | Mi | 0,04 | 0,08 | 0,04 | |
| | | Mw | 20,60 | 22,09 | 22,84 | |
| 32 | Fabricação de Diversos | P-X | 85,52 | 81,71 | 78,10 | Criação interna e externa de comércio |
| | | Mi | 0,13 | 0,17 | 0,39 | |
| | | Mw | 14,36 | 18,12 | 21,50 | |

Fonte: Aliceweb/MDIC (Brasil, 2013) e IBGE (2013).

Apesar da criação de comércio ter ocorrido em quase todos os gêneros industriais analisados, pouco deste resultado pode ser atribuído pelo aumento do fluxo comercial dentro do Mercosul. Em 19 gêneros, houve criação externa de

comércio, em que a participação das importações de países não membros do bloco aumentou em detrimento da produção doméstica. Em sete dessas atividades industriais, houve também a coexistência de criação interna de comércio, e em outras 10, a coexistência de desvio interno de comércio. No caso dos Equipamentos de Transporte (30) e Produtos Eletrônicos (26), houve somente criação externa de comércio, com as importações do bloco se mantendo constantes. Já no setor de Bebidas (11), houve criação interna de comércio acompanhada de desvio externo, totalizando, assim, oito setores industriais com criação interna de comércio. Para as atividades de Extração de Minerais Metálicos (7) e Fumo (12), houve erosão externa e interna de comércio, já que a participação da produção doméstica aumentou à custa das importações dos países membros e não membros do Mercosul.

Um dado que chama a atenção é que a participação das importações intrabloco no consumo aparente brasileiro teve taxa de crescimento negativa em 12 dos 22 gêneros industriais analisados. Nota-se que em 19 casos a taxa de crescimento da participação de terceiros no consumo aparente foi maior do que a de membros do bloco. Destaque para a Fabricação de Produtos Diversos (32) e Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos (20), na qual a participação das compras de fora do bloco obteve crescimento acima de 7% durante o período estudado. Nestes dois gêneros industriais, esse componente representou mais de 20% do consumo aparente total brasileiro. Ao lado desses, ainda houve outros três gêneros em que a participação das importações extrabloco superou os 20%: Produtos Eletrônicos (26) – 28,04% -, Equipamentos de Transporte (30) – 22,84% - e Extração de Combustíveis Fósseis (5 + 6) – 20,95%.

Observa-se que a criação externa de comércio foi muito superior à criação interna. No entanto, vale ressaltar que a criação interna aconteceu em alguns setores importantes para a economia brasileira, como: Alimentos (10), Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos (21), Máquinas e Materiais Elétricos (27 + 28) e Veículos (29). Este último, inclusive, foi em que o mercado regional teve maior relevância para consumo aparente brasileiro. Resultado basicamente das relações unilaterais entre Brasil e Argentina, o setor de Veículos (29) teve no componente de importação intrabloco um salto, indo de 1,72% no período 2005-2007, para 3,08% em 2011-2013.

A análise do consumo aparente brasileiro entre 2005 e 2013, envolvendo 22 gêneros industriais, indica uma maior integração comercial do Brasil com o

mundo. Em 20 gêneros analisados houve criação de comércio e em outros dois houve desvio de comércio. Portanto, sugere-se aumento de bem-estar econômico para o Brasil.

Em contraposição, a criação de comércio ocorreu essencialmente pelas relações comerciais com países terceiros. Dentre as 22 atividades industriais analisadas, a criação externa de comércio ocorreu em 19 casos, enquanto a criação interna ocorreu em apenas oito. Já no período 1987-1998, estudado por Azevedo e Klimenko (2009), de 21 gêneros industriais analisados, houve criação externa em 19 casos, ao passo que a interna ocorreu em 18. Vale ainda ressaltar que, no primeiro período estudado, nenhuma atividade industrial apontou queda nas importações intrabloco, enquanto no período recente isso aconteceu em 12 casos. Nesse sentido, nota-se que inicialmente houve uma grande ocupação do mercado brasileiro pelos países membros do bloco. Todavia, este processo foi revertido no período recente, indicando, assim, uma perda de força do Mercosul em termos de criação setorial.

Diante disso, a ideia de priorização regional pretendida pelo bloco em pouco deu certo. O grau de integração regional veio perdendo força ao longo do tempo e os fornecedores do Mercosul passaram a entrar cada vez menos no mercado brasileiro. Os fornecedores externos ao bloco preencheram, então, os nichos de mercado que os países membros não foram capazes de ocupar. Dessa forma, entende-se que a integração comercial aumenta, mas não de acordo com o objetivo inicial do bloco sul-americano. Este, por sua vez, perde importância relativa à medida que o aprofundamento da integração se dá com o resto do mundo.

De fato, comparando os dois estudos, nota-se um processo de reversão da integração econômica brasileira com os países do Mercosul. Em um primeiro período, analisado por Azevedo e Klimenko (2009), houve criação interna de comércio em 18 gêneros industriais; já no período mais recente, estudado no presente trabalho, apenas em oito. No entanto, cabe destacar que a criação interna de comércio ocorreu em setores nos quais os países do bloco têm tradicionalmente algum grau de competitividade no cenário internacional. Nas demais atividades, mesmo com benefícios tarifários, os países membros do Mercosul não conseguiram ser eficientes e competitivos em relação ao mercado externo.

Em consequência, entende-se que o resultado obtido neste estudo está de acordo com o contexto do comércio internacional do período. Inicialmente, pode-se citar o deslocamento da dinâmica econômica mundial para a Ásia. No âmbito regional, observa-se que o Brasil participa de um bloco econômico com economias pequenas, com baixa produtividade e diversificação industrial, e que passam por um cenário negativo de desenvolvimento econômico. Dessa forma, apenas uma política tarifária favorável é incapaz de reverter as demais adversidades. Dada a superioridade da economia brasileira em relação aos seus vizinhos, e a baixa capacidade destes de concorrer em muitos setores industriais, torna-se inevitável que o Brasil busque cada vez mais acordos com mercados maiores, fora do âmbito regional.

4. Considerações finais

Ao longo das últimas duas décadas, o Brasil adotou a estratégia de integração comercial regional, voltada para a sua participação no Mercosul. A diplomacia brasileira justifica o interesse na região como político. Apresentando a maior economia da América Latina, o Brasil busca se projetar no cenário internacional como um líder regional.

Entretanto, argumentos geopolíticos à parte, o empenho em um modelo de integração regional deve ser pautado por ganhos comerciais entre os agentes econômicos. Dessa forma, dadas as disparidades econômicas entre o Brasil e seus parceiros regionais, questiona-se a política de integração adotada até então. Para analisar esta temática, o presente artigo teve como objetivo central averiguar se o grau de integração comercial brasileira com o Mercosul tem se aprofundado ao longo do tempo. Assim, pôde-se entender se o empenho brasileiro na região é justificado.

Na seção 2, buscou-se, através de análise de dados, destacar a dinâmica comercial do Mercosul. Observou-se, após a formação do bloco, um grande crescimento no valor negociado entre os parceiros regionais. No entanto, notou-se na última década uma perda de participação relativa do Mercosul no comércio de seus países membros. O comércio regional passou a ser mais intenso com outros centros econômicos mundiais, principalmente com a China. Ao analisar o Brasil no contexto regional, notou-se também uma característica marcante do Mercosul: os países do bloco são altamente dependentes do mercado brasileiro, enquanto que este em pouco depende do mercado sul-americano.

Por fim, na seção 3, desenvolveu-se um estudo de consumo aparente, de acordo com modelo proposto por Truman (1975), com o objetivo de identificar o grau de integração comercial brasileira com o Mercosul e com o resto do mundo. Após a apresentação dos resultados do estudo realizado por Azevedo e Klimenko (2009), para o período 1987-1998, realizou-se um novo estudo, utilizando a mesma metodologia dos autores, para o período 2005-2013. Dessa forma, pôde-se avaliar se o movimento de integração comercial brasileira apontado no primeiro estudo se manteve no período mais recente.

Os resultados do primeiro estudo (período 1987-1998) apontaram uma maior integração da economia brasileira após a formação do Mercosul, tanto no âmbito regional quanto mundial. De 21 gêneros industriais analisados, houve a criação de comércio em 19 deles, observando-se em 18 destes a coexistência de criação interna e externa de comércio. Entretanto, cabe ressaltar que a participação de países terceiros no consumo aparente brasileiro cresceu a uma taxa maior do que a participação dos parceiros do bloco em 11 casos. Dessa forma, mesmo o Brasil estando mais integrado com o Mercosul, notou-se já uma tendência de diversificação multilateral na pauta comercial brasileira.

O novo estudo realizado, envolvendo o período mais recente (2005-2013), também apontou uma maior integração brasileira no comércio internacional. Entretanto, diferentemente do período 1987-1998, esta ocorreu essencialmente por relações comerciais com países de fora do Mercosul. De 22 gêneros industriais estudados, houve criação externa de comércio em 19 casos, enquanto a criação interna em apenas 8. Ressalta-se ainda que, no primeiro estudo realizado, nenhuma atividade industrial apontou retração nas importações de fornecedores do Mercosul (desvio interno de comércio). Já a atualização deste estudo apontou para 12 gêneros industriais nos quais houve perda de participação relativa das importações provenientes do bloco.

Ao comparar os dois estudos, notou-se um processo de reversão no grau de integração econômica brasileira com os países do Mercosul. Em um período inicial, observou-se que o bloco econômico era capaz de criar comércio para o Brasil em 18 gêneros industriais, enquanto no período recente isto só foi visto em 8 casos. Conseqüentemente, notou-se, em um primeiro momento, uma grande intensificação do comércio brasileiro com os países membros do Mercosul. Entretanto, ao longo do tempo, o processo foi revertido, e o mercado brasileiro passou a ser cada vez menos ocupado pelos fornecedores do bloco. Em

contrapartida, o Brasil passou a intensificar o relacionamento econômico com fornecedores externos, que passaram a ocupar cada vez mais o seu mercado. Dessa forma, entende-se que os fluxos comerciais brasileiros passaram por um grau de dispersão geográfica, levando ao aprofundamento da integração comercial com países externos a região.

Conclui-se, assim, no presente artigo, que o Brasil, mesmo adotando uma estratégia de integração comercial regional, passou por um processo de diversificação externa de seus fluxos internacionais. Ao longo dos dois períodos estudados (1987-1998, 2005-2013), destacou-se a redução da intensidade dos laços comerciais entre o Brasil e os países do Mercosul. Desse modo, sugere-se que o aprofundamento de acordos comerciais bilaterais no âmbito regional não se justifica à medida que não gera avanços significativos para o país. A pauta comercial brasileira tem caminhado rumo ao multilateralismo, logo, a busca de novos acordos comerciais fora da região tende a aumentar o grau de integração comercial brasileira e, por consequência, levar ao aumento de bem-estar econômico para o Brasil.

Referências

AZEVEDO, André Felipe Zago de; KLIMENKO, Sabrina Muñoz. Os efeitos do Mercosul no padrão de comércio brasileiro, 2009. In: AZEVEDO, André Felipe Zago de; TRICHES, Divanildo (org). *Integração Econômica Latino-Americana*. Viamão: Entremeios, 2009, p. 33-76.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Boletim do Banco Central*. 2013. Disponível em < <http://www.bcb.gov.br/?boletim>>

BAUMANN, Renato; GONÇALVES, Reinaldo. *Economia Internacional: teoria e experiência brasileira*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

BOWEN, Harry; HOLLANDER, Abraham; VIAENE, Jean-Marie. *Applied International Trade*. London: Palgrave Macmillan, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). *Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior: AliceWeb*. 2013 . Disponível em: <<http://www.alicewebmercosul.mdic.gov.br>>.

CARVALHO, Maria Auxilidoria de; SILVA Cesar Roberto Leite da. *Economia Internacional*. São Paulo: Saraiva, 2003.

DOMINICK, Salvatore. *Economia Internacional*. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1998.

EL-AGRAA, Ali M; *The Europe Union: Economics and Policies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Industrial Anual*. 2013. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/indust/default.asp?z=t&o=22&i=P>>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor*. 2013. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm>

JACQUEMIN, Alexis; SAPIR, André. European integration or world integration? *Weltwirtschaftliches Archiv*, v. 124, p. 127-139, 1998.

KREININ, Mordechai E; PLUMMER, Michael. *The Oxford Handbook of International Commercial Policy*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. *Economia Internacional: teoria e política*. São Paulo: Pearson Education, 2009.

MIYAZAKI, Silvio Y. Mizugachi; SANTOS, Antonio C Alves dos. *Integração Econômica Regional*. São Paulo: Saraiva, 2013.

SAPIR, André. Regional Integration in Europe. *Economic Papers*, Nº 94, 1992.

TRUMAN, E. The effects of European Economic Integration on the production and trade of manufactured products. In: BALASSA, B. (ed.) *European Economic Integration*, Amsterdam: North Holland, p.3-40, 1975.

UNITED NATIONS COMTRADE. *UN Comtrade database*. 2013. Disponível em: < <http://comtrade.un.org/>>